



IX Simpósio Nacional de História Cultural
Culturas – Artes – Políticas: Utopias e distopias do mundo contemporâneo
1968 – 50 ANOS DEPOIS
Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT
Cuiabá – MT
26 a 30 de Novembro de 2018

**A CONSTRUÇÃO DO PAPEL SOCIAL DA MULHER REPUBLICANA
NA SÉRIE “CHRONICA LIVRE” DE OLAVO BILAC (1893-1894)**

Mirella Ribeiro Pinto¹

Este texto tende a apresentar o meu projeto de pesquisa de mestrado que está em andamento no Programa de Pós-graduação em História na Universidade Federal de Uberlândia (PPGHIS/UFU). A pretensão inicial do projeto é de analisar o papel social da mulher carioca a partir das crônicas de Olavo Bilac, publicadas na série “Chronica livre” do jornal *Gazeta de Notícias*, entre os anos de 1893 a 1894 na cidade do Rio de Janeiro.

Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac nasceu em 16 dezembro de 1865, na cidade do Rio de Janeiro. Aos 15 anos, ainda na adolescência, o futuro poeta matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, favorecido por decreto legislativo que o dispensava da idade legal. Com o passar dos anos, Olavo Bilac começou a perceber que cursar medicina era um equívoco. Em 1883, a vocação literária começava a aparecer, aumentando seu interesse pela poesia, Bilac dedicava grande parte de seu tempo para publicar seus primeiros versos na *Gazeta Acadêmica*, periódico mantido pelos próprios estudantes da Faculdade. Enquanto isso, descobria a vida boêmia e a Rua do Ouvidor, onde se reunia com seus novos amigos em cafés e confeitarias.

¹ Licenciada em História pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Mestranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia (PPGHIS-UFU).

Ao abandonar o curso de medicina, o poeta se matriculou na Faculdade de Direito de São Paulo. Porém não abandonou as atividades de poeta e de jornalista, e durante um ano vivendo na cidade paulista, Bilac colaborou na imprensa local² e publicou seu primeiro livro “Poesias” em 1888. O livro gerou uma grande repercussão, e Bilac abandonou a sua segunda graduação, voltou para a cidade do Rio de Janeiro e retomou sua vida boêmia. Ainda muito jovem, Bilac se tornou um poeta do parnasianismo de destaque entre a classe intelectual da época, porém não se dedicou somente às poesias.

Com a consagração e reconhecimento que a poesia lhe atribuiu, Bilac começa a conquistar espaços nos principais jornais da época, como por exemplo o *Gazeta Notícias*, que foi um periódico carioca fundado por Ferreira de Araújo, em 1875, considerado um dos jornais mais importantes e populares da época. Sendo um espaço de atuação de inúmeros literatos em início de carreira, e esses intelectuais seriam no início do século XX, os principais expoentes das letras nacionais. Bilac é convidado, pela primeira vez, a colaborar na *Gazeta* em abril de 1890. Nesse início, segundo o jornalista Antônio Dimas (2006), as crônicas de Olavo Bilac eram identificadas pelas suas iniciais O.B., pelo seu pseudônimo *Fantasio*, e até mesmo por nenhuma assinatura.

A série “Chronica livre” foi veiculada durante o governo de Marechal Floriano Peixoto (1891-1894), sendo esse um período marcado por inúmeras perseguições e prisões, principalmente após proclamado o estado de sítio³. “Chronica livre” teve início em 22 de agosto de 1893, e os textos ocupavam a primeira página do jornal. Eram crônicas diárias e versavam sobre diversos temas cotidianos como: crises políticas; maus tratos sobre crianças e adolescente recolhidos em asilos de menores; literatura brasileira; prostituição; divórcio; espiritismo; violência conjugal; casamentos; sobre a cidade de Ouro Preto, considerando que durante alguns meses do ano de 1893 Olavo Bilac esteve exilado na antiga capital de Minas Gerais, entre outros assuntos.

² Nessa época em São Paulo, Olavo Bilac colaborou na redação do *Diário Mercantil*.

³ Olavo Bilac foi um dos intelectuais que não ficou de fora das prisões. O cronista foi detido ao sair do jornal *O Combate*, ficando preso durante cinco meses na Fortaleza da Lage. Posteriormente, Bilac decidiu exilar-se em Ouro Preto, então capital de Minas Gerais, no ano de 1893.

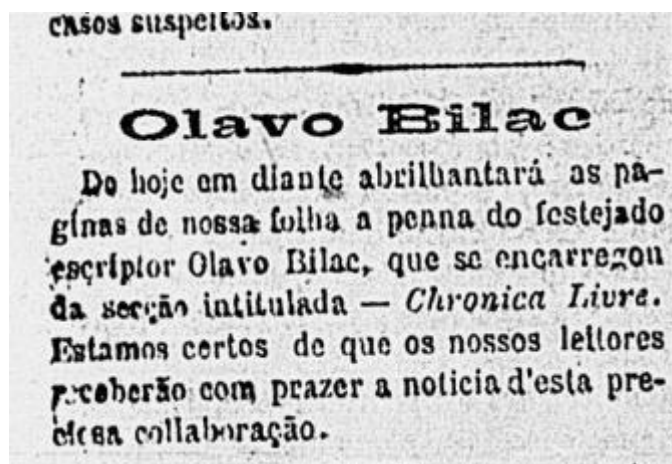


Imagem 1: No dia que começava a circular a série “Chronica Livre”, *Gazeta de Notícias* trazia uma nota na primeira página do jornal. **Fonte:** *Gazeta de Notícias*, 22 de ago., 1893, p.1.

Essa experiência de viver em Minas Gerais por oito meses, enriqueceu as produções literárias de Olavo Bilac. O cronista extraiu material para suas crônicas nos arquivos, e no ano de 1894 publicou um conjunto de crônicas em livro, cujo título é *Crônicas e Novelas*. Durante a sua temporada na antiga Vila Rica o cronista não deixou de publicar suas crônicas no *Gazeta Notícias*, sendo Ouro Preto o tema central de muitas delas. Com o fim do exílio político, Bilac volta para o Rio de Janeiro e continua publicando crônicas no *Gazeta de Notícias*, *O Álbum*, *A Cigarra*, e *O Estado de São Paulo* até a virada do século.

Gazeta de Notícias, um jornal abolicionista e popular fundado em 02 de agosto de 1875 por José Ferreira de Sousa Araújo, sendo considerado um dos jornais mais importantes da capital federal, o Rio de Janeiro, durante a Primeira República. Além disso, era um periódico que acompanhava a modernização da imprensa, trazendo para o cenário inovações na área da impressão e da imprensa brasileira, além de valorizar o jornalismo literário. Publicou sobre diversos temas, como “colunas sobre educação das jovens, trabalho feminino, esterilização das mulheres, aborto, discussão sobre o casamento civil, casos de violência envolvendo casais e papel das mulheres na política.”⁴. A crônica ocupava um lugar de destaque no *Gazeta de Notícias*, segundo Ubiratan

⁴ BRITO, Maria Luzia Alves. **As mulheres da Semana: construção de Personagens Femininas na Crônica Machadiana**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, 2017, p. 15.

Machado⁵ “era a sessão de honra, tribuna, editorial, ponto de bate-papo com o leitor, séria ou informal, lépida ou analítica, mas sempre atraente e instigante.”

Desse modo, ao considerarmos o papel social da crônica de interferir no cotidiano, principalmente nesse momento de mudança do sistema de governo, os intelectuais estavam dispostos a defender um projeto de República. Logo, é indispensável tratar da crônica, levando em conta que apesar dela ser um gênero efêmero que não visa à erudição, pois nasce no jornal e se torna uma publicação momentânea que não tem a pretensão de durar. Segundo Antonio Candido,

[...] a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, - sobretudo porque quase sempre utiliza o humor. [...] consegue quase sem querer transformar em algo íntimo com relação à vida de cada um, e quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava.⁶

Segundo Chalhoub⁷, a crônica é um gênero que possui como uma das primeiras características a leveza, pois aborda as sensibilidades de um tempo. Os cronistas assumiram o papel de extrair as inspirações e os assuntos das suas crônicas diretamente das ruas, fazendo dos pequenos acontecimentos urbanos sua matéria-prima. O uso da crônica literária como fonte histórica pode ser arriscado, mas se bem manuseada pode trazer bons resultados, segundo Ginzburg,

[...] o fato de uma fonte não ser “objetiva” (mas nem mesmo um inventário é “objetivo”) não significa que seja inutilizável. Uma crônica hostil pode fornecer testemunhos preciosos sobre o comportamento de uma comunidade camponesa em revolta.⁸

⁵ MACHADO, Ubiratan. **Coleção Melhores Crônicas: Olavo Bilac**. São Paulo: Global, 2005.

⁶ CANDIDO, Antonio. **A vida ao rés-do-chão**. In: _____. **A crônica: gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 14-15.

⁷ CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida; PEREIRA, Leonardo (Orgs.). **História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil**. Campinas: Unicamp, 2005.

⁸ GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. Trad. Maria Betânia Amoroso; José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 16.

Assim, entendemos a crônica como portadoras de determinado conhecimento histórico, porque são produzidas em dada realidade e lugar social, e que ajudam a nós, historiadores, a recuperar sensibilidades de uma determinada época, em razão de que são fontes que carregam os registros do seu tempo.

A partir dessas considerações, pretendo explorar as crônicas *bilaqueanas*, publicadas quase que cotidianamente durante o período de um ano, colocando-as em diálogo com outros cronistas⁹ do *Gazeta de Notícias*, como Machado de Assis¹⁰. E assim, observar o modo como Bilac abordava e opinava sobre as questões sociais envolvendo as mulheres cariocas, (prostituição, crimes passionais, casamentos, divórcio e relacionamentos) naquele momento de transformação de governo, dos costumes, da civilização e da modernização das cidades, em especial o Rio de Janeiro.

Ao manusear a série “Chronica livre”¹¹, me atentei para considerar, ao longo da pesquisa, os “silêncios” de Olavo Bilac, a descentralização da sua narrativa e a observar o modo como o cronista constrói sua opinião sobre determinado assunto, ou, notícia, que foi abordado em outras colunas do jornal, ou até mesmo por outros periódicos. Considerando que nesse mesmo período, Bilac também está colaborando em outros jornais, como *O Álbum*. Desse modo, durante a minha pesquisa darei prioridade para o confronto das crônicas *bilaqueanas* com outras fontes, além de considerar os silêncios da documentação, assim como o historiador E. P. Thompson que possui como métodos de pesquisa, ao analisar relatos de tradições ou rituais, questionar suas fontes e aproximar-se dos relatos para compreender as peculiaridades e outras motivações que as vezes estão invisíveis nos rituais estudados. Para Thompson os silêncios das fontes e o contexto importam.

As crônicas de Bilac estão intrinsecamente relacionadas ao contexto social do cronista, ou seja, há uma necessidade de explorar o modo de vida de Olavo Bilac, os lugares que frequentava e com quais intelectuais e literatos dialogava. E partindo do seu

⁹ Nesse momento, as crônicas semanais do *Gazeta de Notícias* eram redigidas, por Ferreira de Araújo, Medeiros e Albuquerque, além de Olavo Bilac.

¹⁰ Machado de Assis nesse momento estava como cronista titular do editorial do periódico, sendo o responsável pela crônica dominical, “A Semana” durante quase cinco anos (de 24 de abril de 1892 a 28 de fevereiro de 1897).

¹¹ O jornal *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, encontra-se digitalizado e disponível do site da Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: < <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> >, acessado em junho de 2018.

contexto, buscar analisar suas crônicas e compreender suas opiniões acerca do papel social da mulher carioca nos fins do século XIX. Tudo isso a luz do método do historiador cultural Robert Darnton, aplicado em sua obra *O Grande Massacre De Gatos: e outros episódios da história cultural francesa*, de entrelaçar contexto – texto – contexto, e assim trazer para a narrativa passagens do âmbito social, em que o objeto de pesquisa está inserido, para então interpretar suas crônicas.

Ao longo da seção “Chronica livre”, Bilac também colaborou no mesmo periódico, *Gazeta de Notícias*, com o seu pseudônimo Fantasio a partir do ano de 1894. Então, um dos objetivos da nossa pesquisa, é observar o modo como Fantasio e Bilac dialogam, e quais as diferenças entre eles. Além de, observar o modo como Bilac constrói seu narrador Fantasio, e como esse interfere nas questões sociais que envolvem as mulheres. Seria o Fantasio um personagem criado por Bilac, para opinar sobre os assuntos mais polêmicos, em um período em que a imprensa sofria muita repressão e intervenção do governo de Floriano Peixoto?

Trabalhar com o as crônicas de Olavo Bilac não é nenhuma novidade para a historiografia. Alguns estudos levantados por nós, apenas dois são da área de História social, sendo o primeiro do Radamés Vieira Nunes, intitulado *Sobre crônicas, cronistas e cidade: Rio de Janeiro nas crônicas de Lima Barreto e Olavo Bilac (1900-1920)*¹², referindo-se aos projetos de cidade criados em torno do Rio de Janeiro, no início do século XX, e como estas concepções de civilizado e moderno estavam sendo divulgadas cotidianamente na imprensa carioca por meio das crônicas de Bilac e Lima Barreto. O segundo trabalho do historiador Thiago Roza Ialdo Montilha¹³ tem como principal objetivo pensar a representação do sistema republicano produzido pelo jornalista Olavo Bilac na grande imprensa, sendo as crônicas *bilaqueanas* produzidas entre os anos de 1897 a 1908 sua principal fonte.

¹² NUNES, Radamés Vieira. **Sobre crônicas, cronistas e cidade: Rio de Janeiro nas crônicas de Lima Barreto e Olavo Bilac (1900-1920)**. Dissertação apresentada no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, 2008.

¹³ MONTILHA, Thiago Roza Ialdo. **A República e os políticos nas crônicas de Olavo Bilac (1897-1908)**. Dissertação apresentada no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 2014.

As crônicas de Bilac também são alvo de estudos no campo das Ciências Sociais, como a dissertação do João Rodrigo Araújo Santana¹⁴, que busca analisar as mudanças sociais e urbanas da cidade do Rio de Janeiro nas crônicas *bilaqueanas*, considerando que durante o movimento de modernização da então Capital Federal, Bilac relatou e opinou em suas crônicas sobre a necessidade de transformação da cidade, principalmente durante os anos da reforma urbana empreendida pelo prefeito Pereira Passos. Com o intuito de desconstruir a literatura tradicional brasileira, que considera Olavo Bilac somente como um importante poeta parnasiano durante o século XIX, o trabalho da Fernanda Munhão Martins Silvestre¹⁵ tem o propósito de analisar a seção “Crônica” do editorial das revistas ilustradas *A Cigarra* e *A Bruxa*, e concluindo a importância das crônicas *bilaqueanas* para esses periódicos venderem exemplares.

Considerando todos esses trabalhos que possuem as crônicas de Olavo Bilac como fonte principal, pretendo contribuir com novas problemáticas a partir da análise das crônicas veiculadas na série “Chronica livre” do jornal *Gazeta de Notícias*, em um período de pós proclamação da República, que ocasionou muitas transformações sociais, urbanas, políticas e culturais que impactaram diretamente no cotidiano das mulheres. Além de analisar a condição social e cultural das mulheres cariocas nas crônicas de Olavo Bilac, vislumbro a análise da construção do narrador Fantasio e como esse dialoga com Bilac, e contrapor as crônicas machadianas e *bilaqueanas*, considerando que ambos estavam publicando no mesmo jornal, e em alguns momentos discutindo sobre os mesmos acontecimentos da semana. Não deixando de colocar as crônicas *bilaqueanas* em diálogo com outras fontes, sendo elas: outras colunas do jornal que abordava questões e notícias referentes as mulheres; as crônicas machadianas, publicadas na “Semana” entre 1893 a 1894; outros periódicos que Bilac citava em suas crônicas, ou que também colaborava semanalmente; e referências bibliográficas sobre o tema, entre outras.

Por fim, ao debruçar sobre o tema das mulheres no final do século XIX, início do movimento da Belle Époque carioca, há uma necessidade de dar voz à essas mulheres

¹⁴ SANTANA, João Rodrigo Araújo. **A modernização do Rio de Janeiro nas crônicas de Olavo Bilac (1890-1908)**. Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, 2013.

¹⁵ SILVESTRE, Fernanda Munhão Martins. **As crônicas de Bilac nas Revistas Ilustradas *A Cigarra* (1895) e *A Bruxa* (1896-1897)**. Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP, 2008.

que durante muitos anos foram silenciadas e excluídas da história. Assim Natalie Davis¹⁶, que em seus estudos procurou consolidar a história das mulheres enquanto um campo de estudo, ao descrever a vida de três personagens femininas urbanas do século XVII – momento em que essas mulheres estavam à margens da sociedade de seu tempo – e inseri-las como sujeitos centrais em sua obra, dando voz as experiências por elas vividas. Davis ao estudar os cotidianos dessas mulheres não às observava como vítimas passivas de uma sociedade, mas sim demonstrou em seu trabalho que essas personagens tiraram o máximo de proveito da situação em que viviam, e por meio da escrita encontravam um meio de agir dentro de uma sociedade com possibilidades limitadas para as mulheres. Assim sendo, pretendo analisar a construção do papel social das mulheres, nas crônicas *bilaqueanas*, como sujeitos da história, envolvidas nos debates sobre divórcio, prostituição, relacionamentos e educação daquele momento.¹⁷

As mulheres por muito tempo fizeram parte desses grupos sociais, até então excluídos da história, mas elas passaram a receber olhares como condições de objeto e sujeito da história a partir do desenvolvimento v novos campos na historiografia, como por exemplo, a Nova História Cultural e a História das Mentalidades, que abriram novos horizontes para os estudos dos sujeitos que estavam à margem dos grandes acontecimentos. De acordo com Rachel Soihet,

O desenvolvimento de novos campos como a história das mentalidades e a história cultural reforça o avanço na abordagem do feminino. Apoiam-se em outras disciplinas – tais como a literatura, a linguística, a psicanálise, e, principalmente, a antropologia – com o intuito de desvendar as diversas dimensões desse objeto. Assim, a interdisciplinaridade, uma prática enfatizada nos últimos tempos pelos profissionais da história, assume importância crescente nos estudos sobre as mulheres.¹⁸

¹⁶ DAVIS, Natalie Zemon. **Discutindo com Deus – Glikl bas Judah Leib**. In: *Nas Margens: três mulheres do século XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DAVIS, Natalie Zemon Davis. **“Introdução” e “O derramamento de sangue e a voz da mulher”**. In: *Histórias de perdão e seus narradores na França do século XVI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

¹⁷ Ao dialogar com a metodologia de Natalie Z. Davis pretendo aqui fazer uma discussão sobre a história das mulheres, e não justificar que o Olavo Bilac, nosso objeto de pesquisa, é um sujeito que vivia as margens da sociedade, até porque era um intelectual reconhecido e muito prestigiado.

¹⁸ SOIHET, R. **História das mulheres**. In: CARDOSO, C. F. e VAINFAS, R. (orgs.) *Domínios da história ensaios de teoria e metodologia*. 5 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 276.

O campo de estudos sobre gênero alargou-se com a renovação da historiografia. Porém, não podemos desconsiderar a importância que o movimento feminista, a partir de fins dos anos de 1960, também contribuiu para o advento da história das mulheres. Como consequência, essa relação mútua entre o movimento feminista e a historiografia, começou a multiplicar o número de pesquisas sobre mulheres.

Desse modo, ao voltar-se para a história do cotidiano das mulheres e partir dos mesmos pressupostos metodológicos e marcos políticos que uma história escrita do ponto de visto masculino, podemos garantir maior visibilidade aos processos sociais que as mulheres viveram a partir do fim do século XIX, sendo momentos de muitas conquistas, grandes realizações e transformações do contexto social feminino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTE

Gazeta de Notícias, “Chronica livre” (1893-1894).

REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI, Davi. **Fragmentos sobre a crônica**. In: _____. Fragmentos e comentário. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BRITO, Maria Luzia Alves. **As mulheres da Semana: construção de Personagens Femininas na Crônica Machadiana**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, 2017.

BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil: 1900**. Rio de Janeiro: J. Olympio/ Depto de Cultura, 1975.

CANDIDO, Antonio. **A vida ao rés-do-chão**. In: _____. A crônica: gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida; PEREIRA, Leonardo (Orgs.). **História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil**. Campinas: Unicamp, 2005.

_____. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. *Machado de Assis, Historiador.* São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária.** 2ªed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015.

DARNTON, Robert. **O Grande massacre de gatos e outros episódios da História Cultural francesa.** Rio de Janeiro: Graal, 1986[1984].

DAVIS, Natalie Zemon. **Discutindo com Deus – Glikl bas Judah Leib.** In: *Nas Margens: três mulheres do século XVII.* São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **“Introdução” e “O derramamento de sangue e a voz da mulher”.** In: *Histórias de perdão e seus narradores na França do século XVI.* São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DIAS, Maria Odila Silva. **Quotidiano e poder na cidade de São Paulo, século XIX.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

DIMAS, Antonio. **Bilac, o jornalista: ensaios.** São Paulo: Edusp/Unicamp/Imprensa Oficial, 2006b.

ENGEL, Magali Gouveia. **Gênero e política em Lima Barreto.** Cadernos pagu (32), janeiro-junho de 2009, p. 365-388. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332009000100012>>.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes.** Trad. Maria Betânia Amoroso; José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MAIA, Claudia de Jesus. **Gênero e Historiografia: um novo olhar sobre o passado das mulheres.** Caderno Espaço Feminino. Uberlândia, v.28, n. 2 – jul. /dez. 2015 - ISSN online 1981-3082.

MAGALHÃES JUNIOR. Raymundo. **Olavo Bilac e sua época.** Rio de Janeiro: Ed. Americana, 1974.

MENEZES, Lená Medeiros. **Rio de Janeiro nas trilhas do progresso: Pereira Passos e as posturas municipais (1902/1906).** In: MATOS, Maria Izilda Santos; SOLLER, M. A. A cidade em debate. 3ªed. SP: Olho d'água, 2002.

MONTILHA, Thiago Roza Ialdo. **A República e os políticos nas crônicas de Olavo Bilac (1897-1908).** Dissertação apresentada no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 2014.

NEEDELL, Jeffrey. **Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NUNES, Radamés Vieira. **Sobre Crônicas, cronistas e cidade: Rio de Janeiro nas crônicas de Lima Barreto e Olavo Bilac –1900-1920**. Dissertação de mestrado Universidade Federal de Uberlândia, 2008.

PAULILO, André Luiz. **Os artífices da metrópole: Anotações sobre a transformação da vida urbana carioca depois da Belle Époque**. Educação e Sociedade. [online]. Campinas: agosto 2004. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>.

PEDRO, Joana Maria. SOIHET, Rachel. **A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das relações de gênero**. Revista Brasileiro de História. São Paulo, v. 27, nº 54, p. 281-300, 2007.

PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História – Operários, Mulheres e Prisioneiros**. 7ªed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Paz e Terra, 2017.

_____. **Mulheres públicas**. São Paulo: Unesp, 1998.

PRIORE, Mary Del. (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 10 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

_____. **Ao Sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

RAGO, Margareth. **A subjetividade feminina entre o desejo e a norma**. Revista Brasileira de História: ANPUH, Marco Zero, n. 28, 1995.

_____. **Do Cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra: 2014.

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales: A inovação em História**. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **O entrecruzamento entre narrativa histórica e narrativa de ficção**. In: _____. O desafio historiográfico. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

RESENDE, Beatriz. (Org.). **Cronistas do Rio**. Rio de Janeiro: José Olympio, CCBB, 1995.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1987.

SAMARA, Eni de Mesquita; SOHET, Raquel; MATOS, Maria Izilda S. de. **Gênero em debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea**. São Paulo: Educ, 1997.

SANTANA, João Rodrigo Araújo. **A modernização do Rio de Janeiro nas crônicas de Olavo Bilac (1890-1908)**. 2013. 173f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2013.

SCHERER, Marta. **Imprensa e Belle Époque: Olavo Bilac, o jornalista e suas histórias**. Palhoça: Editora Unisul, 2012.

SCOTT, Joan. **História das mulheres.** In: BURKE, Peter. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas.* São Paulo: Editora Unesp, 2011.

_____. **Literatura como missão.** 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVESTRE, Fernanda Munhão Martins. **As crônicas de Bilac nas Revistas Ilustradas A Cigarra (1895) e A Bruxa (1896-1897).** Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP, 2008.

SOIHET, Rachel. **Mulheres pobres e violência no Brasil urbano.** PRIORE, Mary Del. (Org.). *História das Mulheres no Brasil.* 10 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

SOIHET, R. **História das mulheres.** In: CARDOSO, C. F. e VAINFAS, R. (orgs.) *Domínios da história ensaios de teoria e metodologia.* 5 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

TELLES, Norma. **Escritoras, Escritas, Escrituras.** In: PRIORE, Mary Del. (Org.). *História das Mulheres no Brasil.* 10 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2015.